

# Apresentação

## *Introduction*

**Ludimila Caliman Campos**

**A** comunicação no mundo contemporâneo, reconhecidamente marcada por uma sociedade em rede, prioriza a imagem, ou melhor, a comunicação visual. De um simples vídeo amador com uma receita culinária postado em uma rede social a uma foto jornalística da destruição de um monumento por rebeldes apresentada em um portal de notícias, as imagens ocupam quase todos os suportes de mídia criados e monetizados por produtores que as disponibilizam para nichos e audiências plurais, renovando-se constantemente.

Os novos sistemas midiáticos impulsionados pelos fenômenos da globalização e da popularização da internet podem nos levar à conclusão de que o mundo contemporâneo é uma época um tanto ou quanto singular. Todavia, apesar da inédita hiperexposição do homem pós-moderno às imagens, bem como do desaparecimento progressivo dos obstáculos para seu acesso, quando atentamos para o chamado *regime de visualidade*, não é possível pontuar qualquer inovação.

A partir das reflexões de Ernst Gombrich, na obra *Arte e Ilusão* (2007), entende-se por *regime de visualidade* a relação que o grupo no qual o observador se insere estabelece com as imagens, bem como o papel que as imagens desempenham em sua "realidade". É possível identificar que, ao longo da História, há uma constância quanto às funções elementares das imagens, principalmente no que concerne aos seus usos políticos: agregar, segregar, unir, desafiar, distorcer, fortalecer, informar, dominar, estigmatizar, entre outros.

Quanto às reflexões sobre os usos políticos das imagens no campo das Ciências Humanas, identificamos que, desde a década de 1960 com o *linguistic turn* ("virada linguística"), houve uma necessidade premente de problematização das imagens com vistas à construção político-cultural do material visual. Começou-se a entender que as imagens deveriam ser interpretadas para além das suas dimensões simbólicas, mas, sobretudo, a partir da estrutura político-cultural na qual elas estão inseridas. No âmbito desse debate, as reflexões de Jacques Rancière (2012) mostram-se bastante produtivas. Em *O espectador emancipado* (2012, p. 52), o autor aborda as relações paradoxais entre a política e a arte, sendo esta "considerada política porque mostra os estigmas da

dominação, porque ridiculariza os ícones reinantes ou porque sai de seus lugares próprios para transformar-se em prática social”. Ademais, a política da arte seria formada por três lógicas, a saber: “a lógica das formas da experiência estética, a do trabalho ficcional e a das estratégias metapolíticas” (RANCIÈRE, 2012, p. 65). Logo, para Rancière, a política é estética e a estética é política, uma vez que ambas têm a capacidade de subverter o entendimento social dominante por meio da produção de cenas de dissenso e ainda inserir princípios de igualdade nas práticas sociais.

Com base nesses pressupostos, é possível observar, em várias esferas socioculturais da Antiguidade Romana, uma imbricada relação entre as imagens e o poder. Nos estertores finais da República, mais especificamente em 45 a.C., por exemplo, o Senado decidiu oferecer uma série de honras excepcionais a Júlio César, elevando-o mesmo durante sua vida ao nível dos deuses. Para tanto, o ditador marchou em procissão solene, chefiada pelos cônsules, da Cúria ao novo Fórum de César, onde aguardou os senadores em frente ao templo de Vênus. Esta imagem, que foi julgada por muitas testemunhas oculares como um sinal de absoluta arrogância e insolência, foi encenada propositalmente por César e utilizada por ele como uma poderosa performance visual. Era assim que ele se reconhecia como um grande ditador: ocupante de uma elevada posição, inacessível para os demais romanos. A cena pode ser interpretada como um ato político no qual o espaço público, a arquitetura da cidade, o ritual coletivo e o comportamento individual do espectador devem ter se moldado na construção de uma imagem de grande impacto do líder (HOLSCHER, 2018, p. 15). A problemática aqui tratada é uma das várias que veremos ao longo da História de Roma. Por isso, a importância de se lançar luz à dinâmica entre o poder e as imagens naquela sociedade.

Desse modo, o 17º número de *Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos*, cujo dossiê temático intitula-se “Imagens do poder e poder das imagens no Mundo Romano”, tem por finalidade trazer a público uma coletânea de artigos, resenhas e uma entrevista com diversos pesquisadores das áreas de História Antiga, Arqueologia Clássica, Arte Romana e campos afins, que se dedicam ao estudo das interfaces entre as imagens, sejam elas visuais e literárias, e as relações de poder na Antiguidade.

## Referências

GOMBRICH, E. *Arte e ilusão*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

HOLSCHER, T. *Visual power in Ancient Greece and Rome: between art and social reality*. Oakland: University of California Press, 2018.

RANCIÈRE, J. *O espectador emancipado*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.